

Mulheres no coração do capitalismo editorial: o caso das autoras em língua inglesa no Grêmio Literário Português do Pará *Women in the heart of Publishing Capitalism: the case of English-language authors in the Grêmio Literário Português do Pará*

*Valéria Augusti**

Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2006). Professora Associada da Universidade Federal do Pará, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-4436-4562>

*Tassiane Andreza Damião dos Santos***

Graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Brasil (2018). Professora de língua portuguesa e literatura do Sistema de Ensino Integrado Essencial, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0001-9420-0027>

Recebido em 22 set. 2019. **Aprovado** em: 27 out. 2019.

Como citar este artigo:

AUGUSTI, Valéria; SANTOS, Tassiane Andreza Damião dos. Mulheres no coração do capitalismo editorial: o caso das autoras em língua inglesa no Grêmio Literário Português do Pará. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 93-112 / Eng. 96-114, nov. 2019. ISSN 2317-2347.

RESUMO

Tendo em vista o processo de globalização da cultura promovido pela circulação transnacional dos impressos no século XIX, este artigo tem como *corpus* privilegiado de análise autoras de língua inglesa cujas obras fazem parte do acervo do Grêmio Literário Português do Pará, gabinete de leitura fundado na capital da então Província do Pará nos idos de 1867. No que concerne a essa parcela do acervo, composta por vinte e três obras de escritoras provenientes dos continentes Europeu e Americano, interessa discutir quem eram elas, que gênero de obras publicavam e que estratégias editoriais utilizavam para garantir que suas obras chegassem ao público leitor. Com esse intuito são enfatizados aspectos da atuação dessas mulheres na imprensa periódica e no mercado editorial livreiro.

PALAVRAS-CHAVE: Gabinete de leitura; Prosa de ficção; Relatos de viagem; Escritoras; Capitalismo editorial.

ABSTRACT

Considering the cultural globalization process promoted by the transnational circulation of printed works, this article analyses female writers of English language texts that were part the Grêmio Literário Português do Pará collections, a circulating library founded in the capital of the then Pará province in 1867. Regarding this parcel of the collection, containing twenty-three works by female authors from the European and American continents, it is interesting to discuss: who were these writers, what genres they published, and the editorial strategies used to guarantee that their

*

 augustivaleria@gmail.com

**

 santostassi@gmail.com



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i0.1581>

works were made available to the public. To this end, we emphasize how women engaged with the periodic press during and book publishing market.

KEYWORDS: *Circulating library; Novel; Travel writing; Female writers; Publishing capitalism*

1 Introdução

As pesquisas sobre a circulação transatlântica dos impressos têm demonstrado que, no Oitocentos, o romance inglês penetrou em território brasileiro, ganhando espaço na imprensa periódica, nas livrarias e nas estantes dos gabinetes de leitura (VASCONCELOS, 2016; RAMICELLI, 2009). O repertório de exemplares de prosa de ficção disponível aos leitores brasileiros desse século se mostrava bem variado, compreendendo romances históricos, de aventuras, sentimentais, góticos etc (VASCONCELOS, 2016). Inovações técnicas, como a invenção dos barcos movidos a vapor, garantiram que os exemplares de prosa de ficção produzidos na Grã-Bretanha aportassem no Brasil seja em sua língua de origem, seja em traduções muitas vezes resultantes de triangulações com a França e Portugal (VASCONCELOS, 2016; RAMICELLI, 2009). Exemplar quanto a isso foi o caso do romance *Persuasion*¹, cuja tradução para o francês serviu de base para a portuguesa. Foi por meio dessa tradução que a obra passou a ser conhecida no Brasil pelo título *A família Eliot, ou a inclinação antiga* e sua autoria equivocadamente atribuída a Isabelle de Montolieu.

Maria Eulália Ramicelli (2009) demonstra que a tradução de prosa de ficção britânica também foi prática comum em periódicos franceses, como a *Revue Britannique*, fundada em 1825 por Louis-Sébastien Saulnier, Jean-Michel Berton e Prosper Dondey-Dupré. O periódico publicava textos variados de prosa de ficção e não-ficção de origem inglesa com a finalidade de levar a cultura britânica ao território francês, mantendo os leitores atualizados sobre o que se passava na ilha vizinha. De forma similar ao que ocorreu com o romance *Persuasion* de Jane Austen, as traduções publicadas nesse periódico procuravam adaptar o texto original de forma a atender aos gostos e expectativas do leitor francês, o que implicava toda sorte de modificações. Nesse processo de adaptação cultural estavam incluídas mudanças nos títulos, adoção de notas de rodapé explicativas, exclusão de trechos inteiros, alterações no enredo, assim como nos nomes e características das personagens (RAMICELLI, 2009). Ramicelli (2009) vai adiante,

¹ Cabe observar que o romance de Jane Austen foi traduzido para o francês em 1821, com o título *La famille Eliot, ou l'ancienne inclination* e publicada em Paris pelo editor Arthus Bertran. Em Portugal o romance foi traduzido por Manuel Pinto Coelho Cota de Araújo – M. P. C. C. d'A – que também se ocupou de outros romances britânicos impressos pela Tipografia Rollandiana, cujo fundador era francês. A versão portuguesa dessa obra, publicada em 1847, toma como base a versão de Isabelle Montolieu, deixando as marcas e modificações da tradutora no texto vertido para a língua portuguesa. (VASCONCELOS, 2016)

sugerindo que parcela significativa da prosa de ficção britânica que aportou no Brasil teve como fonte justamente as traduções francesas, ou seja, *Persuasion* esteve longe de ser um caso isolado, pois, conforme constatou, da *Revue Britannique* saíram diversos textos que ganharam as páginas dos periódicos brasileiros.

Tendo em vista esse contexto histórico-cultural, que evidencia a existência de um verdadeiro processo de “globalização da cultura” promovido em grande parte pela circulação transnacional dos impressos, este artigo tem como *corpus* privilegiado de análise autoras de língua inglesa cujas obras fazem parte do acervo do Grêmio Literário Português do Pará², gabinete de leitura fundado na capital da então Província do Pará nos idos de 1867. No que concerne a essa parcela do acervo, composta por vinte e três obras de autoras provenientes dos continentes europeu e americano, interessa discutir quem eram essas autoras, que gênero de obras publicavam e que estratégias editoriais utilizavam para garantir que tais obras chegassem ao público leitor. Para tanto, serão enfatizados aspectos de sua atuação na imprensa periódica e no mercado editorial livreiro, atentando para os resultados dessas escolhas e, sempre que possível, para os vestígios que testemunham o sucesso editorial por elas obtido.

2 Mulheres no mercado editorial

O acervo do Grêmio Literário Português do Pará possui vinte e três obras produzidas por escritoras de língua inglesa, que se dedicaram aos mais diversos gêneros de textos, ficcionais ou não.³ Considerando o repertório disponível nas estantes do G. L. P. P., pode-se afirmar que ele é constituído não apenas por autoras que obtiveram sucesso significativo no mercado editorial, mas também pelas principais obras dessas autoras, ou seja, aquelas pelas quais elas se tornaram reconhecidas. Esse é o caso de *A cabana do pai Tomás*, romance publicado inicialmente em folhetins no ano de 1851 nas páginas do *The National Era* e em 2 volumes no ano de 1852, com tiragem inicial de 5.000 cópias, ainda que se calcule que nesse ano teria

² Utilizaremos a abreviação G. L. P. P. para nos referirmos ao Grêmio Literário Português do Pará.

³ Dessa totalidade, cinco foram publicadas em mais um volume. São elas: *A Cabana do pai Thomaz e Dred: A Tale of the Great Dismal Swamp*, ambos de Harriet Stowe, publicados em 2 vol.; o primeiro na cidade de Paris, no ano de 1853, pela casa editora Rey and Balhate e o segundo na cidade Leipzig, no ano de 1856 pelo editor Bernhard Tauchnitz; *A família Elliot*, de Jane Austen, publicado em 2 vol. na cidade de Lisboa, no ano de 1847, pela Tipografia Rollandiana; *Opulência e Miséria*, de Ann Sophia Stephens, publicado em 3 vol., na cidade de Lisboa, no ano de 1853, pela Tipografia Lisbonense D'Aguiar Vianna; *Um crime misterioso*, de Mary Braddon, publicado em 2 vol., na cidade de Lisboa, no ano de 1879, pela Livraria-editora de Matos Moreira e Cia. Todos esses exemplares são testemunho de uma prática comum no mercado livreiro do século XIX, que consistia em publicar uma única obra em diversos volumes, de maneira a vendê-las aos gabinetes de leitura, a quem interessava garantir o empréstimo simultâneo de uma mesma obra a diversos leitores. De outro lado, tais obras testemunham a circulação transnacional dos impressos, conforme o demonstram as traduções e os diversos locais em que foram impressas.

chegado a vender cerca de 300.000 cópias somente nos Estados Unidos.⁴ A edição traduzida dessa obra que veio aportar no G. L. P. P. é do ano seguinte, 1853, ou seja, do ano seguinte à primeira publicação do romance no suporte livro.

Tendo em vista não ser possível tratar de todas as autoras e obras neste artigo, serão deixadas de lado as que obtiveram reconhecimento da crítica nos séculos posteriores, como é o caso de Harriet Stowe, Jane Austen e George Eliot, para nos determos naquelas comumente menos conhecidas ou valorizadas na atualidade. Em suma, procuraremos oferecer um panorama de parcela das autoras e obras que fazem parte do acervo com o intuito de demonstrar aspectos relativos a sua penetração no mercado editorial do século XIX, evidenciando como a escolha dos gêneros - ficcionais ou não - a que se dedicaram e as decisões sobre os suportes materiais em que fizeram circular suas obras podem ter sido decisivos no que diz respeito à longevidade de suas carreiras.

É preciso assinalar que, assim como os homens, as mulheres que seguiram a carreira literária no Oitocentos tiveram na imprensa um veículo importante de divulgação de seus trabalhos. Analisando a trajetória profissional das autoras cujas obras se encontram nas estantes do G. L. P. P. , percebe-se, no entanto, que a atuação feminina extrapolou e muito a busca de um espaço de publicação na imprensa. Essas mulheres tomaram para si a tarefa de criar e dirigir periódicos que não se destinavam tão somente a suas próprias publicações. Não bastasse isso, intencionaram transformar suas obras em sucessos editoriais e, não raro, conseguiram, seja apostando em novos suportes materiais que barateavam o livro e garantiam sua ampla circulação; seja se dedicando a produzir certos gêneros de impressos que significavam venda garantida. É dessa atuação no mercado editorial que trataremos a seguir, abordando a biografia de parcela dessas mulheres, com destaque para sua atuação profissional.

Blanche Willis Howard (1847-1898) nasce em Bangor, no estado do Maine, e falece em Munique no ano de 1898.⁵ Em 1877⁶ se muda para a Alemanha para estudar, atuando como correspondente do periódico *Boston Evening Transcript*.⁷ Estabelecida em Stuttgart, passa a

⁴ A respeito das tiragens de *A cabana do Pai Tomás* Cf. HAWTHORNE, Nathaniel; MELVILLE, Herman; STOWE, Harriet Beecher; *et al. 1850 to 1900 - Books That Shaped America | Exhibitions - Library of Congress*. Disponível em: <https://www.loc.gov/exhibits/books-that-shaped-america/1850-to-1900.html>. Acesso em: 3 jul. 2019.

⁵ A respeito da autora e de suas publicações, cf. Blanche Willis Howard Collection, 1847-1898 | Maine Women Writers Collection | University of New England in Maine, Tangier and Online. Disponível em: <https://www.une.edu/mwwc/research/featured-writers/blanche-willis-howard-collection-1847-1898>. Acesso em: 3 jul. 2019.

⁶ Outros afirmam que teria se mudado para a Alemanha em 1875. (GUSTAFSON, 2010)

⁷ O periódico *Boston Evening Transcript* publicou os relatos de Blanche Howard no número One Year Abroad, de 1877. Cf. Blanche Willis Howard Collection, 1847-1898 | Maine Women Writers Collection | University of New

ensinar, escrever romances, peças de teatro e poesia, além de criar o periódico em língua inglesa *Hallberger's Illustrated Magazine*.⁸ Ao longo de sua carreira literária, quase toda construída na Alemanha, Howard publica nove romances, um relato de viagem e numerosos contos, poemas e traduções, sendo parte dessa produção destinada a periódicos voltados para o público infantil e adulto na América, Inglaterra e Alemanha (GUSTAFSON, 2010). Da romancista americana Blanche Willis Howard, O. G. L. P. P. possui um exemplar do romance *Guenn: a wave on the breton coast*. A edição, publicada em Boston, por Ticknor and Company, não tem data de publicação, mas sabe-se que o romance teria vindo à luz pela primeira vez em 1884 (LEAVITT, 2019). É possível encontrar menção a esse romance em uma biografia que Virginia Couse Leavitt dedica ao pintor americano Eager Irving Couse (LEAVITT, 2019). A biógrafa afirma que Couse teria decidido visitar Concarneau, comuna francesa na Bretanha, após ter lido o romance *Genn*: “Couse, who had decided to go to that part of Britain as well, may have picked Concarneau the previous summer, after he and Virginia read *Guenn*, a romantic novel published in 1884 and popular among Parisian art students.” (LEAVITT, 2019, p. 67)⁹. A menção ao romance de Blanche Willis Howard sugere como, no século XIX, a prosa de ficção tem impacto significativo na vida cotidiana das pessoas, a ponto de determinar o destino de uma viagem. Por outro lado, esse episódio aparentemente banal demonstra também o rompimento radical das fronteiras nacionais pelo mercado editorial, uma vez que a produção literária da autora, então residindo na Alemanha, circula entre o público leitor de diversos continentes e países, sendo lido, quase simultaneamente, por um pintor americano, por estudantes de artes de Paris e pelos leitores de um gabinete de leitura situado no extremo norte do Brasil Oitocentista.

A americana Elizabeth Williams Champney (Springfield, 1850 – Seattle, 1922) também vai à Europa após se casar, em 1873, com um veterano da guerra civil americana. Quando retorna aos EUA, no ano de 1876, passa a publicar narrativas sobre suas viagens pela Europa na *Harper's Magazine* e também na *The Century Magazine*, para a qual escreve mais de oitenta

England in Maine, Tangier and Online. Disponível em: <https://www.une.edu/mwwc/research/featured-writers/blanche-willis-howard-collection-1847-1898>. Acesso em: 3 jul. 2019.

⁸ Exemplares desse periódico podem ser encontrados em BLANCHE WILLIS HOWARD. *Hallberger's Illustrated Magazine*. [s.l.]: E. Hallberger, 1876. Disponível em: <http://archive.org/details/hallbergersillu00howagoog>. Acesso em: 27 jul. 2019.

⁹ Couse, que tinha decidido ir para essa parte da Grã-Bretanha também, pode ter escolhido Concarneau no verão anterior, depois que ele e Virginia leram *Guenn*, um romance romântico publicado em 1884 e popular entre os estudantes de arte parisienses.

artigos.¹⁰ Em 1883, publica *Three Vassar Girls Abroad*, que daria origem a uma série de onze romances. As protagonistas da série que ficou conhecida como *Three Vassar Girls* vivem aventuras na Inglaterra, América do Sul, Itália, França, Turquia, Suíça etc.¹¹ A aposta na publicação de romances em série parece ter sido um sucesso, pois a partir de 1889 a autora investe novamente em um projeto editorial similar, que se inicia com a publicação do romance *Witch Winnie: The Story of a "King's Daughter"* e continua com mais oito romances que mantêm parcela do título original, de forma a torná-los reconhecíveis pelo público leitor: *Witch Winnie's Mystery or The Old Oak Cabinet* (1891); *Witch Winnie's Studio or The King's Daughter's Art Life* (1892), *Witch Winnie in Paris or The King's Daughters Abroad* (1893), *Witch Winnie at Shinnecock* (1894), *Witch Winnie at Versailles* (1895), *Witch Winnie in Holland* (1896), *Witch Winnie in Venice* (1897) e *Witch Winnie in Spain* (1898). Da vasta produção literária da escritora americana o G. L. P. P. possui apenas *Great grandmother's girls in New Mexico*, em edição publicada em 1888 na cidade de Boston pela University Press John Wilson and Son. Esse romance, assim como os demais publicados por Elizabeth Williams Champney, ficou para a posteridade como representante de um gênero de literatura supostamente destinada às crianças, como o demonstra o fato de a autora constar no *The Oxford Companion to Children's Literature* (HAHN; MORPURGO, 2015, p. 115), espécie de catálogo bio-bibliográfico sobre literatura infantil publicado pela editora da Universidade de Oxford. As informações editoriais que constam nesse catálogo fazem supor que o exemplar do G. L. P. P. seja uma primeira edição do romance que dá início à série *Great grandmother's girls*, conforme se assinalou anteriormente.

A crítica afeita à originalidade da obra de arte por certo acharia oportunista a estratégia editorial da autora, que parte dos então muito populares relatos de viagem¹² para vazá-los nos moldes da prosa de ficção e publicá-los de forma seriada com vistas a atingir o público leitor mais jovem. Contudo, essa fórmula editorial de publicação sobreviveu com êxito ao século XIX, conforme o demonstra o sucesso obtido pela escritora britânica J. K. Rowling, autora de *Harry Potter*, publicado em série composta por sete romances. Mas Elizabeth Williams Champney, assim como as demais escritoras de que trataremos a seguir, muito provavelmente não estava preocupada com as firulas da crítica. O que se percebe em sua trajetória e na de suas coetâneas

¹⁰ Informações sobre a vida da autora e sua produção literária podem ser obtidas na página do colégio onde estudou. Cf. Elizabeth Williams Champney - Vassar College Encyclopedia - Vassar College, disponível em: <http://vcencyclopedia.vassar.edu/alumni/elizabeth-williams-champney.html>, acesso em: 3 jul. 2019.

¹¹ As séries de romances da autora estão disponíveis em: Elizabeth Champney - Series. Disponível em: <https://readseries.com/auth-bc/champny.html>. Acesso em: 3 jul. 2019.

¹² Sobre a circulação e aceitação dos relatos de viagem pelo público leitor europeu do século XIX, cf. PRATT (2007).

é uma atuação profissional capaz de lhes permitir viver de sua produção escrita graças à escolha de gêneros com ampla aceitação entre o público leitor mais amplo e de estratégias editoriais bem sucedidas.

Atuar na imprensa periódica e transformar suas experiências de viagem em um produto editorial também foi prática comum à britânica Matilda Betham-Edwards (Westerfield, 1836 – Hastings, 1919), que se tornou popular em virtude de seus romances e livros infantis ambientados na França, país que visitava constantemente.¹³ Com sua amiga Barbara Bodichon, fundadora da primeira universidade feminina da Inglaterra, a Girton College, viaja também pela Argélia e Espanha. Da viagem pela Argélia resulta a obra *In French Africas: Scenes and Memories*¹⁴, publicada em Londres por Chapman and Hall, no ano de 1912. Da viagem para a Espanha resulta a obra *Through Spain to the Sahara*, publicada em 1868, pelo editor londrino Hurst and Blackett. No campo do jornalismo, Betham-Edwards faz a cobertura de temas franceses para o *Daily News* e colabora com a revista *Household Words*, dirigida por Charles Dickens. Também dedicada à carreira de romancista, a inicia com a obra *The white house by the sea: a love story* (1857), reimpressa inúmeras vezes e pirateada por editores dos EUA.¹⁵ Joan Rees (2006) afirma que a autora, cuja carreira literária esteve tão ligada à França a ponto de receber do governo desse país o título de *Officier de l'Instruction Publique de France*, mantinha relações com figuras proeminentes do campo literário de Londres, como George Eliot e Henri James. Muito embora sua carreira como escritora tenha sido profícua, tendo publicado trinta e sete romances no período compreendido entre 1857 e 1902¹⁶, de Betham-Edwards o G. L. P. P. possui apenas o romance *The flower of doom or The conspirator*, publicado em 1 volume, em Londres, por Ward & Downey.

O continente europeu parece não ter sido amplo o suficiente para outras autoras do Oitocentos. A mais impressionante delas quanto a essa inquietude talvez seja Isabella Lucy Bird (Boroughbridge, 1831 – Edimburgo, 1904), a respeito da qual se afirma ter sido uma criança

¹³ A respeito da autora, cf: Women in the Literary Marketplace, disponível em: http://rnc.library.cornell.edu/womenLit/getting_into_print/Betham_Edwards_L.htm, acesso em: 5 jul. 2019. Betham-Edwards, Matilda. In: 1922 Encyclopædia Britannica. [s.l.: s.n., s.d.].

¹⁴ BETHAM-EDWARDS, Matilda. *In French-Africa; scenes and memories*. [s.l.]: London: Chapman and Hall, 1912. Disponível em: <http://archive.org/details/infrenchafricasc00beth>. Acesso em: 5 jul. 2019.

¹⁵ Matilda Betham-Edwards, in: *Wikipedia*, [s.l.: s.n.], 2019.

¹⁶At the Circulating Library Author Information: Matilda Barbara Betham-Edwards. Disponível em: http://www.victorianresearch.org/atcl/show_author.php?aid=87. Acesso em: 5 jul. 2019.

frágil, vítima constante de insônia, dores de cabeça e de coluna.¹⁷ São diversas as versões sobre sua primeira viagem para fora do continente Europeu. Algumas fontes afirmam que em 1850 teria feito uma cirurgia de remoção de um tumor de sua coluna vertebral e, por recomendação médica, partira, em 1854, rumo à América do Norte, passando vários meses no leste do Canadá e nos Estados Unidos.¹⁸ Ao retornar à Europa, decide publicar as cartas enviadas a sua irmã, Hennie, dando origem ao seu primeiro livro, *The English woman in America*. (BIRD, 1856) O contato com o continente americano se intensifica após a morte do pai, em 1858. A partir de então Bird faz mais três viagens à América do Norte, uma para o Mediterrâneo e outra para o Havaí, onde fica por seis meses. Da estada no Havaí, em 1872, resulta outra obra, publicada em 1875, com o título *Six Months in the Sandwich Islands*.¹⁹ Deixando o Havaí, segue para a costa oeste dos Estados Unidos, viajando a cavalo de São Francisco até o Lago Tahoe e, em seguida, para as Montanhas Rochosas e o Colorado. Dessa experiência resulta o livro *A Lady's Life in the Rocky Mountains*, publicado em 1879. De São Francisco, Bird segue para o Japão, visitando a região mais setentrional do país, onde ela permanece entre os membros da tribo Ainu, habitantes originais não japoneses das ilhas. Essa experiência serve de base para seu livro *Unbeaten Tracks in Japan*, publicado em 1880. Do Japão, viaja para Hong Kong, Cantão, Saigon e Cingapura; de Cingapura para a Península Malaia, onde permanece por cinco semanas.²⁰ Seria por demais extenso enumerar todas as viagens realizadas por Isabella Lucy Bird²¹, que se torna a primeira mulher a ser eleita membro da *Royal Geographical Society*. Mas não é de todo inútil assinalar que não se trata tão somente de viajar, mas também de escrever a respeito dessas viagens em um contexto particularmente propício à recepção dessas narrativas no continente europeu e também americano.²² Como se pode perceber, o cobiçado mercado editorial das narrativas de viagem não foi exclusivamente

¹⁷ Isabella Lucy (bird) Bishop | Encyclopedia.com. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/people/history/british-and-irish-history-biographies/isabella-lucy-bird-bishop>. Acesso em: 28 jul. 2019.

¹⁸ Isabella Lucy (bird) Bishop | Encyclopedia.com. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/people/history/british-and-irish-history-biographies/isabella-lucy-bird-bishop>. Acesso em: 28 jul. 2019.

¹⁹ Isabella Lucy (bird) Bishop | Encyclopedia.com. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/people/history/british-and-irish-history-biographies/isabella-lucy-bird-bishop>. Acesso em: 28 jul. 2019.

²⁰ Isabella Lucy (bird) Bishop | Encyclopedia.com. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/people/history/british-and-irish-history-biographies/isabella-lucy-bird-bishop>. Acesso em: 28 jul. 2019.

²¹ Os exemplares de suas obras podem ser encontrados em: Internet Archive Search: isabella lucy Bird. Disponível em: <https://archive.org/search.php?query=isabella%20lucy%20Bird>. Acesso em: 28 jul. 2019.

²² Sobre a ampla circulação dos relatos de viagem em território europeu no século XIX cf: PRATT (2007).

ocupado por homens, muito embora habitualmente sejam alvo principal de análise quando se trata de discutir esse gênero. Parece evidente que as mulheres também ocuparam esse espaço, seja publicando relatos de viagem, seja ficcionalizando essas experiências. A trajetória dessas quatro mulheres, nascidas em diferentes continentes, revela que as experiências vividas em culturas diversas serviram de lastro ou até mesmo de pretexto para que se dedicassem ao universo da escrita, ganhando visibilidade junto ao público leitor. A proficiência com que publicaram demonstra, sem dúvida, que suas escolhas foram acertadas, pois nenhuma delas se deteve na primeira das obras que escreveu, pelo contrário, continuaram a escrever e publicar por anos a fio.

De Isabela Lucy Bird, aquela que pode ser considerada a escritora-viajante por excelência do repertório de autoras a que nos propusemos tratar, o G. L. P. P. possui *A lady's life in the Rocky Mountains*, em edição publicada em Londres, por John Murray em Albemarle Street, no ano de 1885. O relato de viagem da escritora britânica se manteve presente no mercado editorial até os dias atuais, sendo possível, inclusive, encontrar *audiobooks* e matérias jornalísticas a seu respeito na *web*. Em 19 de abril de 2014, o periódico *Independent* publicou um artigo, de cunho turístico, intitulado *The Rocky Mountains: A lady's life less ordinary*. (ARNOTT, 2014). No artigo, a jornalista narra a viagem em que refez o percurso da escritora britânica, tecendo comentários sobre os locais por ela percorridos, comparando-os a sua situação atual. No início do artigo observa que em 1873, quando a britânica de 40 e poucos anos percorreu 800 milhas pelas Rochosas, o Colorado era apenas um "território" informal na América do Norte. Segundo afirma, o livro que resulta dessa viagem - "um *best-seller* instantâneo na época", tornou-se um clássico desse tipo de literatura até os dias atuais.

Essas cinco mulheres não foram as únicas a fazer escolhas acertadas no campo editorial. Outras escritoras, cujas obras se encontram nas estantes do G. L. P. P., se dedicaram a certos gêneros de prosa de ficção que tiveram vasta penetração no mercado editorial. Uma dessas autoras foi Harriet Parr, nascida na cidade inglesa de York em 31 de janeiro de 1828. Alguns biógrafos afirmam que antes de se tornar romancista teria trabalhado como governanta²³. Fato é que em 1854 inicia sua carreira como escritora com a publicação do romance *Maude Talbot*.²⁴ De 1854 a 1883, produz aproximadamente um romance por ano, todos publicados pela

²³ Harriet Parr. In: Wikipedia. [s.l.: s.n.], 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Harriet_Parr&oldid=882757823. Acesso em: 28 jul. 2019

²⁴ HARRIET PARR. *Maude Talbot*, by Holme Lee. [s.l.: s.n.], 1854. Disponível em: <http://archive.org/details/maudetalbotbyho02parrgoog>. Acesso em: 28 jul. 2019.

firma londrina Smith, Elder & Co., sob o pseudônimo de Holme Lee.²⁵ Parr chama a atenção de Charles Dickens, que compra algumas de suas narrativas para publicar nos números natalinos de suas revistas semanais.²⁶ As obras da autora, apreciadas pelo fundador da maior biblioteca de empréstimo da Londres Vitoriana, Charles Edward Mudie, também são publicadas pela empresa alemã de Bernhard Tauchnitz, especializada em livros de bolso em língua inglesa. Não bastasse isso, seus romances atravessam o Atlântico, sendo publicados na América.²⁷ De Harriet Parr, escritora que muitos dizem ter sido a predileta da rainha Vitória²⁸, o G. L. P. P possui um exemplar de *Thorney Hall, a story of an old family*, publicado em Londres, por Smith, Elder and company, no ano de 1862. Essa mesma edição foi encontrada por Kristina Alešová no acervo da biblioteca de um castelo de Český Krumlov, cidade localizada no sul da República Tcheca (ALEŠOVÁ, 2013). Como o demonstram os vestígios documentais acima mencionados, o romance de Parr não somente circulou em localidades distantes uma das outras do ponto de vista geográfico - como a Grã-Bretanha, a República Tcheca e a então capital da Província do Pará -, como também parece ter alcançado um público muito diverso do ponto de vista sócio econômico e cultural, como a nobreza britânica, tcheca e os trabalhadores do comércio da Província do Pará, a quem se destinavam as obras que constituíam e constituem ainda o acervo do G. L. P. P..

Quando se trata de autoras de *best sellers*, Mary Mackay (Londres, 1855 – Stratford-upon-Avon, 1924), mais conhecida pelo pseudônimo Mari Corelli é referência obrigatória. O primeiro romance da escritora londrina, *A romance of two worlds*²⁹, foi publicado em 1886. Após a obra de estréia, a autora publica mais de trinta romances, “devorados por milhões de pessoas na Inglaterra, na América e nas colônias”.³⁰ Ignorada e desprezada pelos críticos, esteve, no

²⁵ At the Circulating Library Author Information: Harriet Parr. Disponível em: https://www.victorianresearch.org/atcl/show_author.php?aid=621. Acesso em: 28 jul. 2019.

²⁶ The Wreck of the Golden Mary: Being the Captain's Account of the Loss of the Ship, and the Mate's Account of the Great Deliverance of Her People in an Open Boat at Sea. The Extra Christmas Number of Household Words, Christmas, 1856. Disponível em: <https://www.fadedpage.com/showbook.php?pid=20180640>. Acesso em: 28 jul. 2019.

²⁷ Harriet Parr. In: Wikipedia. [s.l.: s.n.], 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Harriet_Parr&oldid=882757823. Acesso em: 9 ago. 2019.

²⁸ O retrato de Harriet Parr publicado em 1910 no periódico *The Sphere* teria sido encomendado pela Rainha Vitória. Cf: JSBlog - Journal of a Southern Bookreader: Harriet Parr in Shanklin. Disponível em: <http://jsbookreader.blogspot.com/2014/05/harriett-parr-in-shanklin.html>. Acesso em: 28 jul. 2019.

²⁹ Em um *website* dedicado à autora consta que a Duquesa de Roxburghe teria emprestado um exemplar do romance à Rainha Vitória que, após lê-lo, pedira que todas as obras de Marie Corelli lhe fossem enviadas após a publicação. A escritora também teria sido convidada a visitar o Palácio de Buckingham para conhecer a Imperatriz Frederick, filha mais velha da Rainha. Life | Marie Corelli. Disponível em: <http://mariecorelli.org.uk/life/>. Acesso em: 29 jul. 2019. Essa apreciação também é relatada por JAMES (2003)

³⁰ Works | Marie Corelli. Disponível em: <http://mariecorelli.org.uk/works/>. Acesso em: 28 jul. 2019.

entanto, entre os autores mais vendidos e mais bem pagos na Inglaterra de sua época.³¹ Seu sucesso também está associado a uma mudança importante no mercado editorial britânico. Em 1894 as *circulating libraries* anunciam às editoras que darão preferência aos formatos de livros mais baratos, publicados em um único volume, em detrimento das tradicionais publicações em três volumes. Será justamente nesse formato que Marie Corelli publicará seu romance de maior sucesso, *The Sorrows of Satans*, vendido pelo preço de seis xelins (£30 em termos atuais).³² É uma edição desse romance, publicado em 1895 pela editora Methuen and company, que o G. L. P. P. possui ainda hoje em suas estantes. Considerado um romance faustiano, narra a história de Geoffrey Tempest, escritor pobre, faminto e endividado que recebe uma fortuna de herança, mas a perde em virtude de sua amizade com o demônio, que se oferece para ajudá-lo. Diz-se que James Joyce, após ter conhecido Marcel Proust, teria dito a seu respeito que se parecia com o herói do romance de Corelli.³³ Não é possível confirmar a anedota, mas é fato que James Joyce conhecia a produção ficcional da autora, uma vez que menciona o título de *The Sorrows of Satans* no episódio 9 - Cila e Caribdis - do romance *Ulisses*.³⁴

É importante assinalar que a associação entre textos ficcionais escritos por mulheres e temáticas amorosas ou domésticas não é válida quando se trata de examinar a produção ficcional de Marie Corelli e de outras autoras como Matilda Betham Edwards, cujo romance *The flower of doom or The conspirator* tem como herói um conspirador afeito a explosivos e uma heroína que tenta dissuadi-lo de sua vida criminosa. Barbara Arnett Melchiori afirma que esse tipo de ficção, a que denomina *dynamite romances*, seria caracterizada por um “hotch-potch of elements borrowed from the more serious novelists, jumbled together to make a readable tale, and structured with elaborate plot development of a modern photo-romance”³⁵ (BARBARA, 1985, p. 225). Sobre a circulação de romances como o de Betham-Edwards, observa que eram publicados abundantemente de forma seriada nas revistas semanais e mensais da década de 1880.

A escolha de uma estratégia comercial acertada interessou também às autoras que, do outro lado do Atlântico, estavam empenhadas em viver de suas penas. Esse foi o caso de Ann Sophia Stephens (Seymour, 1810 – Newport, 1886), cuja carreira como escritora se mistura com

³¹ A respeito do desprezo da crítica cf: MAYS (2002)

³² Life | Marie Corelli. Disponível em: <http://mariecorelli.org.uk/life/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

³³ The Sorrows of Satan. In: Wikipedia. [s.l.: s.n.], 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=The_Sorrows_of_Satan&oldid=903281474. Acesso em: 29 jul. 2019.

³⁴ Em 1926, *The Sorrows of Satans* foi adaptado para o cinema por D. W. Griffith.

³⁵ Um “hotch-potch de elementos emprestados dos romancistas mais sérios, misturados entre si para criar um conto legível, e estruturados com o desenvolvimento de uma trama elaborada de uma foto-romance moderna”.

aquela da invenção das *dime novels*. O termo está associado à publicação de brochuras baratas, lançadas em 1860 pelos editores americanos Erastus e Irwin Beadle.³⁶ Como o próprio nome sugere, os “romances de centavos”, impressos e encadernados em papel jornal, com ilustrações de capa coloridas, eram vendidos por um centavo. O primeiro livro da série Beadle, lançado em 9 de junho de 1860, foi justamente *Malaeska, the Indian Wife of the White Hunter*, de Ann S. Stephens. Tratava-se de uma reimpressão do romance publicado anteriormente no periódico *Ladies' Companion* em fevereiro, março e abril de 1839. A proposta editorial das *dime novels*, que barateava o preço do livro, permitiu que o romance de Stephens vendesse 65.000 cópias nos primeiros meses após sua publicação.³⁷ A familiaridade da autora com o universo da edição certamente teve papel importante ao decidir publicar seu romance nesse tipo de suporte material, pois Ann Sophia Stephens, juntamente com seu marido, Edward Stephens, havia fundado e editado, em 1837, a *Portland Magazine*, revista literária em que publicou seus primeiros trabalhos. Nesse mesmo ano, o casal se muda para Nova York, onde Stephens se torna editora associada do periódico *The Ladies Companion*. Na cidade também colabora com outros periódicos, como o *Godey's Lady's Book* e *Graham's Magazine*, publicado por Edgar Allan Poe. Em 1856, novamente com o marido, funda a revista *Mrs. Stephens' Illustrated New Monthly*, da qual se torna editora. Em 1858, essa revista é vendida para a *Peterson's Magazine* e Ann Sophia Stephens passa a ocupar a função de co-editora no período compreendido entre 1842 e 1853 (MCHENRY, 1983). Da escritora americana que também assinava com o pseudônimo Jonathan Slick, o acervo do G. L. P. P. possui uma única obra, o romance *Opulência e Miséria*, publicado em Lisboa, no ano de 1859, pela Tipografia Lisbonense D'Aguiar Vianna. Pela proximidade dos títulos, acreditamos que esse exemplar possa ser uma tradução do romance *Fashion and famine*, publicado em 1854. Autor de *Famous American Women: A Biographical Dictionary from Colonial Times to the Present*, Robert MacHenry (1983, p. 392) afirma que por ocasião do falecimento da autora em 1886, vinte e três de seus romances foram reimpressos, o que atesta a popularidade obtida em vida. Ainda assim, comentários críticos sobre sua produção são escassos, padrão esse que se repete com outras autoras de *dime novels*, como Mittie Frances Clarke Point. Das 80 *dime novels* produzidas por ela, o G.L.P.P. possui apenas

³⁶ A respeito das american dime novels cf: American Dime Novels 1860-1915. The Historical Association. Disponível em: <https://www.history.org.uk/student/resource/4512/american-dime-novels-1860-1915>. Acesso em: 3 jul. 2019. Sobre dime novels escritas por mulheres, cf: American Women's Dime Novel Project - Dime Novels for Women, 1870-1920. American Women's Dime Novel Project. Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/dimenovels>. Acesso em: 11 ago. 2019.

³⁷ American Dime Novels 1860-1915. The Historical Association. Disponível em: <https://www.history.org.uk/student/resource/4512/american-dime-novels-1860-1915>. Acesso em: 3 jul. 2019.

Countess Vera or The oath of vengeance, a respeito da qual quase nenhuma informação foi possível obter, salvo imagens da capa de sua edição, em que consta o preço do volume, vendido a 25 cents, e o pseudônimo da autora, Mrs. Alex McVeigh Miller.³⁸ Nascida em Doswell, Virginia, Mittie Frances Clarke Point se forma no Richmond Female Institute em 1868 e começa a escrever histórias para as revistas *Old Dominion* e *Temperance Advocate* após o falecimento de seu primeiro marido. Em 1878, se casa com Alexander McVeigh Miller e se muda para Fayette County, West Virginia. Seu romance *The Bride of the Tomb*, publicado em 1883, faz um grande sucesso, o que lhe permite firmar contrato com três jornais semanais de Nova York, chegando a ganhar até US \$ 2.000 por história (COX, 2000, p.174).

Como se pode observar, a pesquisa biográfica acerca dessas autoras, cujas obras ocupam as estantes do gabinete de leitura paraense, demonstra que para elas a escrita não era um mero passatempo capaz de libertá-las de um cotidiano supostamente enfadonho. Várias delas estiveram diretamente implicadas em acontecimentos importantes do campo editorial europeu e americano - como a modificação no formato dos livros destinados às *circulating libraries* na Grã-Bretanha ou a invenção das *dime novels* nos EUA - muito provavelmente porque tinham a intenção de fazer com que sua produção literária atingisse um amplo público leitor. Por consequência, adaptar-se às exigências e às novidades do mercado editorial não lhes deve ter parecido desprezível ou indesejável, pelo contrário.

Pode-se até mesmo afirmar que tal adaptação foi capaz de produzir carreiras muito bem sucedidas, que incluíam mulheres dedicadas a atividades em periódicos. Esse foi o caso da autora britânica Elizabeth Lynn Linton (1822-1898) que, logo após a publicação de seu segundo romance, *Amyone: a romance of the days of Pericles* (1848), começa a trabalhar para o periódico *The Morning Chronicle*, em cuja equipe permanece de 1848 a 1851 (GARNETT, 1901). A partir de meados da década de 1860, Linton se torna uma das mais importantes autoras de artigos do *Saturday Review*, em que escreve principalmente contra as sufragistas (GARNETT, 1901). *The Girl of the Period*, de 1868, é um dos seus mais conhecidos ensaios antifeministas. O romance *The autobiography of Christopher Kirkland* (1885) é considerado sua primeira autobiografia, pois nele a autora narra um pouco da história de sua vida, como se fosse um homem (LAYARD, 1901).

Na imprensa editorial se destaca também a britânica Mary Elizabeth Braddon (1835-

³⁸ A imagem da edição pode ser acessada em: *Countess Vera; or, The oath of vengeance*. Disponível em: <https://www.goodreads.com/work/best_book/45193095-countess-vera-or-the-oath-of-vengeance>. Acesso em: 30 jul. 2019.

1915), que foi editora da revista *Belgravia* e *Temple Bar*. Seu mais famoso romance, *Lady Audley's Secret*, é considerado um dos principais representantes do gênero *sensation novel* - narrativas ficcionais envolvendo divórcio, bigamia, violação, crime e insanidade - que floresce a partir de 1860 na Grã-Bretanha, inspirado nas manchetes dos jornais tablóides (PYKETT, 2011). A história da publicação de *Lady Audley's secret* em folhetins oferece uma pista sobre o ritmo de produção intenso da escritora. Braddon começa a publicar o romance em 1861 nas páginas do *Maxell's Robin Goodfellow*; interrompe a narrativa sem finalizá-la porque se dedicava simultaneamente ao romance *Aurora Floyd*, publicado de janeiro a abril de 1862, nas páginas do periódico *Temple Bar*. *Lady Audley's secret* reaparece em janeiro de 1862 nas páginas de *Tillotson's Sixpenny Magazine* (SUSSEX, 2010, p. 92). Durante o ano de 1862, quando nasce seu primeiro filho, a autora trabalha na produção de oito séries diversas, quatro delas assinadas com o seu nome e as demais publicadas com pseudônimos ou anonimamente no *Maxell's Halfpenny Journal* (SUSSEX, 2010, p. 94). Contudo, suas ambições não se restringiam a sobreviver das rendas que obtinha com o trabalho de sua escrita. Em 1865 a autora escreve uma carta a Buwer Litton, em que confessa a intenção de rivalizar com Wilkie Collins, cuja obra *The moonstone* (1868) é considerada o primeiro romance policial inglês moderno (SUSSEX, 2010, p. 95). Collins havia publicado esse romance no periódico *All the Year Round*, fundado por Charles Dickens, no período compreendido entre novembro de 1859 a agosto de 1860. Para se ter uma idéia do sucesso da obra, nesse ano o romance teria oito edições publicadas. Na carta a que nos referimos anteriormente, Braddon afirma que, com sua próxima obra a ser publicada - *Sir Jaspers Tenant* - , pretendia combater Collins com suas próprias armas: mistério e crime (SUSSEX, 2010, p. 95). De acordo com RUBERY (2009), Mary Braddon, assim como Charlotte Brontë, Wilkie Collins, Joseph Conrad, Charles Dickens, George Eliot, Elizabeth Gaskell, Henry James, Rudyard Kipling, Charles Reade, Bram Stoker, William Makepeace Thackeray, Anthony Trollope, teria revolucionado o gênero romance usando convenções narrativas emprestadas da imprensa periódica que, entre os anos de 1836 e 1861, teve os impostos suprimidos, ampliando significativamente e diversificando seu público leitor. Periódicos como *The Daily Telegraph*, considerado o primeiro *penny daily* da história britânica, publicavam histórias escandalosas de assassinato, bigamia e divórcio às quais as *sensations novels* são comumente associadas pela crítica literária (RUBERY, 2009). Não por acaso, Henry James, ao se referir aos romances de Mary Braddon, teria dito que a escritora britânica oferecia aos leitores “the England of today's newspaper” (JAMES *apud* RUBERY, 2009, p.49).

Considerações finais

A atividade editorial e as publicações dessas autoras, cujas obras representam parcela do acervo do gabinete de leitura paraense, evidenciam que a produção escrita, fosse de natureza ficcional ou não, estava longe de ser em eventual ou passageira para essas mulheres. Polígrafas, atuavam em várias frentes do mercado editorial: fundavam e dirigiam periódicos, publicavam em periódicos que não pertenciam a elas, escreviam romances, relatos de viagem, narrativas curtas, ensaios. No caso dos textos de natureza ficcional, se dedicavam a toda sorte de gêneros possíveis, desde a prosa de ficção voltada para o público jovem até aquela voltada para o público adulto, com nuances diversas, defendendo valores mais conservadores - caso dos romances antissufragistas e antifeministas - ou explorando notícias publicadas nos periódicos da época, envolvendo crimes ou comportamentos sociais considerados reprováveis como a bigamia. O suporte material dessas publicações também parece ter sido bem variado. Como tentamos assinalar, os periódicos foram importantes veículos de circulação das obras. No contexto britânico, o fim dos impostos sobre os periódicos permitiu que seu preço fosse reduzido significativamente, favorecendo o acesso às classes sociais com menor poder aquisitivo, razão pela qual várias dessas autoras publicaram romances em jornais vendidos a preços baixíssimos. Nesse sentido, pode-se decerto afirmar que a divulgação da produção literária feminina caminhou *pari passu* com as transformações ocorridas no âmbito do impresso, que no contexto britânico implicou - assim como ocorreu em território francês - no barateamento dos periódicos e sua consequente popularização entre as classes sociais mais baixas.

No entanto, essas autoras não se restringiam à publicação de suas obras na imprensa periódica. Quando se tratava de viver da escrita, fizeram escolhas que evidenciam conhecimento da dinâmica do capitalismo editorial no século XIX, publicando obras em formato livro com ampla aceitação pelas *circulating libraries* ou por leitores cujo reduzido poder aquisitivo permitia adquirir livros desde que vendidos a preços muito baixos, como é o caso das *dime novels*. De ambos os lados do Atlântico, as obras dessas escritoras certamente chegaram às mãos dos novos leitores - mulheres, crianças e operários - que, no século XIX, emergiram no contexto social europeu em virtude dos processos de alfabetização em massa ocorridos particularmente em nações como a França, Inglaterra e Alemanha. As pesquisas no campo da história do livro e da leitura demonstram que a possibilidade de as classes sociais mais baixas terem acesso ao livro a essa época esteve diretamente associada ao surgimento dos gabinetes

de leitura - denominados *circulating libraries* na Grã-Bretanha e EUA, *Cabinet de Lecture* na França ou Gabinetes de Leitura em Portugal e no Brasil - que garantiam o empréstimo de obras a preços módicos.

De outro lado, a possibilidade de constituir uma biblioteca pessoal por meio da compra de livros dependeu do barateamento do suporte material, garantido por publicações baratas, como as *dime novels* nos EUA ou o livro de bolso no Continente Europeu. As características físicas dos livros vendidos a preços módicos - dos quais as *dime novels* são exemplares - não deixam dúvida sobre as escolhas editoriais que permitiram barateá-lo: papel de baixa qualidade, marginalia reduzida, capa em brochura, pouco espaço entre as linhas. Parece evidente que não é possível falar em sucesso editorial ou *best sellers* sem, necessariamente, levar em conta as características do suporte material em que as obras vêm a público, assim como suas tiragens e quantidade de edições. Muito embora sejam essas transformações no mundo do impresso as responsáveis pelo acesso ao livro por parte de leitores com baixo poder aquisitivo, as investigações sobre a circulação das obras das autoras em foco neste artigo demonstram a verticalidade de sua penetração do ponto de vista social, ou seja, várias dessas obras foram lidas por leitores das mais diversas classes sociais, de forma que seria um erro afirmar que existe, necessariamente, certo tipo de obra literária que, por suas características formais ou estéticas, se destinam a certo tipo específico de leitor em termos de sua pertença social e econômica. O que interessa perceber, como procuramos assinalar anteriormente, é que uma mesma obra pode ter sido lida pela rainha da Inglaterra, pela nobreza tcheca e por trabalhadores do comércio de uma distante província do Norte do Brasil. O acervo do Grêmio Literário Português do Pará - e as obras das escritoras de língua inglesa são exemplares quanto a isso - testemunha a amplitude do processo de globalização da cultura ocorrido no século XIX, o qual foi garantido pela circulação transnacional dos impressos que, por sua vez, teve no processo de barateamento dos suportes materiais dos textos um importante aliado. Não foi fruto do acaso o fato de as principais obras dessas autoras terem chegado à Província do Pará, pelo contrário. Foi graças à forte inserção dessas mulheres no capitalismo editorial do século XIX que suas obras transpuseram fronteiras sociais e nacionais.

Tal constatação levanta um importante problema para os pesquisadores no campo da história do livro, da leitura e da literatura: como essas obras foram lidas por esses diferentes leitores? Seria por demais ingênuo imaginar que um mesmo texto, apropriado por diferentes leitores, pertencentes às mais diversas culturas, seria interpretado de uma forma unívoca. Essas

diferentes apropriações não resultou apenas das modificações decorrentes do processo tradutório, a despeito de sua relevância, como o demonstram as pesquisas de Ramicelli e Vasconcelos. Mesmo no caso de um texto estável, publicado em sua língua mãe, parece legítimo supor que a atribuição de sentido dependa em grande medida da pertença social e cultural do leitor, que é dotado de historicidade, tal qual o texto de que se apropria e ao qual imprime um sentido. Levar em conta o suporte material em que as obras dessas autoras foram publicadas também tem impacto significativo nas investigações sobre a recepção de suas obras pelo público leitor da época em que vieram à luz. Certamente o pesquisador não as encontrará nas histórias literárias de seu tempo ou até mesmo nas dos séculos posteriores. O vínculo com as edições de baixo custo, garantidas pela mediocridade do suporte material e pelas altas tiragens, por certo inserem as obras dessas escritoras em um campo que a crítica literária, desde pelo menos o século XIX, identifica como oposto àquele da obra de arte, supostamente alheia a interesses pecuniários. Identificar-se com o mercado editorial e servir a suas demandas em um contexto de declínio do regime de mecenato passou a ser considerado pecado venial se cometido por escritores. Próximas demais do capitalismo editorial e, por consequência, do leitor não especializado, possivelmente alheio às discussões sobre as literaturas nacionais que então preocupavam os homens letrados do Oitocentos, essas escritoras certamente deixaram marcas indelévels em corações e mentes de leitores anônimos, cujas vozes os estudos literários não costumam ter interesse em ouvir.

Contudo, seus nomes e suas obras estão cada vez mais sob escrutínio da crítica literária preocupada em ampliar o escopo de obras e autores comumente consagrados pelas historiografias literárias nacionais, ainda que um longo percurso reste a ser percorrido. Não por acaso tais autoras e obras figuram em coletâneas críticas dedicadas a gêneros anteriormente considerados “menores”, como as *sensations novels* - fortemente identificadas com a imprensa periódica e com o *fait divers*, razão por muito tempo considerada suficiente para desvalorizá-las - ou com a literatura de crime, detetives ou policial, também historicamente desprestigiada pela crítica em virtude de seu grande apelo comercial. As menções a essas autoras também podem ser encontradas em dicionários de autores (as) de literatura dedicada às crianças, ou em dicionários sobre a imprensa periódica, ou em estudos sobre certos empreendimentos editoriais específicos, como aqueles a respeito das *dime novels*, ou, ainda, em *websites* de instituições que procuram enaltecer personagens ligados a sua própria história. Essa

dispersão de registros acerca da existência e atuação dessas mulheres em sua própria época - registros esses muitas vezes desvalorizados pelas histórias literárias nacionais -, parece, em uma interpretação a contrapelo, reafirmar a importância que tiveram em sua época, como parecem atestar os vestígios acerca da penetração junto a um público leitor alargado e anônimo. Nesse sentido, ousaríamos afirmar que, se houvesse o interesse em escrever uma história da literatura da perspectiva do leitor, os pesquisadores teriam que repousar seus olhos sobre as páginas dos periódicos, dos livros publicados em formatos portáteis de qualidade material baixíssima e, por fim, dos exemplares que ainda ocupam as estantes dos gabinetes de leitura que se espalharam por diversos países no século XIX. Ao investigar as estantes do Grêmio Literário Português do Pará o pesquisador não se depara tão somente com autoras consagradas pela historiografia britânica ou americana, pelo contrário, encontra nas antigas estantes de madeira autoras e obras que muito embora tenham tido ampla circulação editorial em sua época, obtiveram pouca visibilidade póstuma.

Referências

- ALEŠOVÁ, K. *Two Cultures? The Interest of the House of Schwarzenberg in the English Literature and Culture*. Department of English and American Studies. Masaryk University Faculty of Arts, Brno-střed, Tchêquia, 2013. (apêndice, p.XXVI)
- AMERICAN DIME NOVELS 1860-1915 / *Historical Association*. Disponível em: <https://www.history.org.uk/student/resource/4512/american-dime-novels-1860-1915>. Acesso em: 3 jul. 2019.
- AMERICAN WOMEN'S DIME NOVEL PROJECT - DIME NOVELS FOR WOMEN, 1870-1920. American Women's Dime Novel Project. Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/dimenovels>. Acesso em: 11 ago. 2019.
- ARNOTT, S. The Rocky Mountains: A lady's life less ordinary. *The Independent*. 10.abr. 2014. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/travel/americas/the-rocky-mountains-a-ladys-life-less-ordinary-9268475.html>. Acesso em: 28 jul. 2019.
- AT THE CIRCULATING LIBRARY Author Information: Matilda Barbara Betham-Edwards. Disponível em: http://www.victorianresearch.org/atcl/show_author.php?aid=87. Acesso em: 5 jul. 2019.
- AT THE CIRCULATING LIBRARY Author Information: Harriet Parr. Disponível em: https://www.victorianresearch.org/atcl/show_author.php?aid=621. Acesso em: 28 jul. 2019.
- BARBARA, Arnett Melchiori. *Terrorism in the Late Victorian Novel*. London: Croom Helm, 1985.
- BETHAM-EDWARDS, M. In: 1922 Encyclopædia Britannica. [s.l.: s.n., s.d.].
- BETHAM-EDWARDS, M. *In French-Africa: scenes and memories*. [s.l.]: London : Chapman and Hall, 1912. Disponível em: <http://archive.org/details/infrenchafricasc00beth>. Acesso em: 5 jul. 2019.

BLANCHE WILLIS HOWARD COLLECTION, 1847-1898 | Maine Women Writers Collection | University of New England in Maine, Tangier and Online. Disponível em: <https://www.une.edu/mwwc/research/featured-writers/blanche-willis-howard-collection-1847-1898>. Acesso em: 3 jul. 2019.

BLANCHE WILLIS HOWARD. Hallberger's Illustrated Magazine. [s.l.]: E. Hallberger, 1876. Disponível em: <http://archive.org/details/hallbergersillu00howagoog>. Acesso em: 27 jul. 2019.

BRAKE, L.; DEMOOR, M. *Dictionary of Nineteenth-century Journalism in Great Britain and Ireland*. [s.l.]: Academia Press, 2009.

BIRD, I. L. *The Englishwoman in America*, [s.l.]: John Murray, 1856.

COUNTESS VERA; OR, THE OATH OF VENGEANCE. Disponível em: https://www.goodreads.com/work/best_book/45193095-countess-vera-or-the-oath-of-vengeance. Acesso em: 30 jul. 2019.

COX, J. R. *The Dime Novel Companion: A Source Book*. [s.l.]: Greenwood Publishing Group, 2000.

ELIZABETH WILLIAMS CHAMPNEY - Vassar College Encyclopedia - Vassar College, disponível em: <http://vcencyclopedia.vassar.edu/alumni/elizabeth-williams-champney.html>, acesso em: 3 jul. 2019.

ELIZABETH CHAMPNEY - Series. Disponível em: <https://readseries.com/auth-bc/champny.html>. Acesso em: 3 jul. 2019.

GARNETT, R. Linton Eliza Lynn. In: LEE, Sidney (Org.). *Dictionary of National Biography*, 1901 supplement. London: Elder Smith & Co., 1901.

GUSTAFSON, M. S. Blanche Willis Howard (1847-1898). *Legacy: A Journal of American Women Writers*, v. 27, n. 1, p. 160–174, 2010.

HAHN, D.; MORPURGO, M. *The Oxford Companion to Children's Literature*. [s.l.]: Oxford University Press, 2015.

HARRIET PARR. In: Wikipedia. [s.l.: s.n.], 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Harriet_Parr&oldid=882757823. Acesso em: 28 jul. 2019

PARR, H. *Maude Talbot*, by Holme Lee. [s.l.: s.n.], 1854. Disponível em: <http://archive.org/details/maudetalbotbyho02parrgoog>. Acesso em: 28 jul. 2019.

HAWTHORNE, Nathaniel; MELVILLE, Herman; STOWE, Harriet Beecher; et al. 1850 to 1900 - Books That Shaped America | Exhibitions - Library of Congress. Disponível em: <https://www.loc.gov/exhibits/books-that-shaped-america/1850-to-1900.html>. Acesso em: 3 jul. 2019.

ISABELLA LUCY (BIRD) BISHOP | Encyclopedia.com. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/people/history/british-and-irish-history-biographies/isabella-lucy-bird-bishop>. Acesso em: 28 jul. 2019.

ISABELLA LUCY BIRD. Disponível em: <https://archive.org/search.php?query=isabella%20lucy%20Bird>. Acesso em: 28 jul. 2019.

JAMES, L. *The victorian novel*. Oxford:Blackwell Publishing, 2006.

JUMP, Harriet Devine. *Nineteenth-Century Short Stories by Women: A Routledge Anthology*. [s.l.]: Routledge, 2002.

JSBLOG - Journal of a Southern Bookreader: Harriet Parr in Shanklin. Disponível em:

- <http://jsbookreader.blogspot.com/2014/05/harriett-parr-in-shanklin.html>. Acesso em: 28 jul. 2019.
- LAYARD, G. S. *Mrs. Lynn Linton: her life, letters, and opinions*. [s.l.]: London : Methuen & Co., 1901. Disponível em: <http://archive.org/details/mrslynnlintonher00layarich>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- LEAVITT, V. C. *Eanger Irving Couse: The Life and Times of an American Artist, 1866–1936*. [s.l.]: University of Oklahoma Press, 2019.
- LIFE | Marie Corelli. Disponível em: <http://mariecorelli.org.uk/life/>. Acesso em: 29 jul. 2019
- LYONS, M. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.
- MARIE CORELLI. Disponível em: <http://mariecorelli.org.uk/life/>. Acesso em: 29 jul. 2019.
- MATILDA BETHAM-EDWARDS, in: Wikipedia, [s.l.: s.n.], 2019.
- MATILDA BETHAM-EDWARDS by JOAN REES. Disponível em: <http://www.hastingspress.co.uk/mbe.html>. Acesso em: 5 jul. 2019.
- MCHENRY, R. *Famous American Women: A Biographical Dictionary from Colonial Times to the Present*. [s.l.]: Courier Corporation, 1983.
- MAYS, K. J. The publishing world. In: BRANTLINGER, P.; THESSING, W. B. *A companion to the victorian novel*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2002.
- PRATT, M. L. *Imperial Eyes : Travel Writing and Transculturation*. [s.l.]: Routledge, 2007.
- PYKETT, L. *The Nineteenth-century Sensation Novel*. [s.l.]: Oxford University Press, 2011, p. 21.
- RAMICELLI, M. E. *Narrativas itinerantes: aspectos franco-britânicos da ficção brasileira em periódicos da primeira metade do século XIX*. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.
- REES, J. *Matilda Betham-Edwards: novelist, travel writer and francophile*. Hastings: Hastings Press, 2006.
- RUBERY, M. *The Novelty of Newspapers: Victorian Fiction After the Invention of the News*. [s.l.]: Oxford University Press, 2009.
- SUSSEX, L. *Women Writers and Detectives in Nineteenth-Century Crime Fiction: The Mothers of the Mystery Genre*. [s.l.]: Springer, 2010.
- THE SORROWS OF SATAN. In: Wikipedia. [s.l.: s.n.], 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=The_Sorrows_of_Satan&oldid=903281474. Acesso em: 29 jul. 2019.
- THE WRECK OF THE GOLDEN MARY: Being the Captain's Account of the Loss of the Ship, and the Mate's Account of the Great Deliverance of Her People in an Open Boat at Sea. The Extra Christmas Number of Household Words, Christmas, 1856. Disponível em: <https://www.fadedpage.com/showbook.php?pid=20180640>. Acesso em: 28 jul. 2019.
- VASCONCELOS, S. G. Círculos e travessias: o caso da família Elliot. In: _____. ABREU, Márcia (Org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP, Brasil: Editora Unicamp, 2016.
- WOMEN IN THE LITERARY MARKETPLACE, disponível em: http://rnc.library.cornell.edu/womenLit/getting_into_print/Betham_Edwards_L.htm, acesso em: 5 jul. 2019.
- WORKS | Marie Corelli. Disponível em: <http://mariecorelli.org.uk/works/>. Acesso em: 28 jul. 2019.